

**A “QUEIMA DE SUTIÃS” DE 1968: RELAÇÕES ENTRE CORPO E ROUPA NA
CONSTRUÇÃO DE UM ACONTECIMENTO SIMBÓLICO FEMINISTA**

Luiza Helena Lobo Cordeiro¹

Maria Dolores de Brito Mota²

RESUMO

A intenção deste estudo é refletir sobre a manifestação “Queima de sutiãs” analisando as relações entre moda, corpo e feminismo buscando entender os processos que a tornaram um acontecimento símbolo da luta feminista. Ao longo da história observa-se que as relações entre moda e corpo constituem-se elementos de subordinação e de libertação das mulheres, ao estabelecer estereótipos femininos adequados aos sistemas de dominação patriarcal, mas também, exprimir insubordinação quando as mulheres usam as roupas e o corpo para contestar padrões de beleza que representavam a submissão. O final dos anos 1960, contexto histórico da manifestação, foi palco de mudanças na posição social das mulheres e nos valores culturais tendo emergido um feminismo libertário que problematizou a autonomia das mulheres sobre seu próprio corpo. Os seios estão ligados à maternidade e à sedução, papéis manipulados pela cultura patriarcal e seus estereótipos femininos contra os quais as feministas contestavam e pretenderam realizar um protesto para queimar os sutiãs e outros objetos símbolos do estereótipo de beleza com uma fogueira pública que não existiu, mas que ficou conhecido como a “Queima dos Sutiãs”.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Moda, Seios, Sutiã.

INTRODUÇÃO

Nos últimos séculos, a posição social da mulher vem passando por grandes transformações desde a revolução industrial, destacada por Silvino (2011,) por ter permitido a entrada de mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, uma gradativa alternativa aos afazeres domésticos, pois, se outrora as mulheres deviam apenas cuidar da família e servir ao marido, o crescimento industrial e comercial aumentou a absorção da força de trabalho feminina junto à máquina de tear e ao setor de serviços. O trabalho foi permitindo às mulheres, não apenas as mais pobres, mas também de classe média, conquistarem maior autonomia e se distanciarem mais do círculo familiar de vigilância masculina que era rigidamente estruturado nos séculos XVIII e XIX. Contudo, segundo o autor, seria apenas no transcorrer das décadas de 1950, 1960 e 1970 que o mundo assistiria mudanças fundamentais nos papéis socialmente atribuídos às mulheres, mudanças estas significativas para os dias de hoje.

Junto a este fenômeno de maior autonomia feminina, a sociedade atual experimenta uma revolução de costumes, com a participação ativa da mulher em diversos setores, impulsionando ainda mais a força de trabalho, como comenta ainda o mesmo autor, as

¹ Designer de Moda. Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: luiza_hlc@hotmail.com

² Doutora em Sociologia, Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: domota@uol.com.br.

mulheres estudando cada vez mais, se preparando para assumirem não apenas outras funções no mercado de trabalho, mas também funções que exigem cargos de liderança, que antes eram assumidos apenas por homens, inclusive como a chefia de estados.

Este artigo tem como objetivo geral analisar as relações entre moda, corpo e feminismo tendo como foco a manifestação da “Queima de Sutiãs”, como acontecimento simbólico da luta feminista.

O artigo iniciará dialogando com autores que refletem a subordinação das mulheres e as mudanças que ocorreram por lutas do movimento feminista que fomentaram novas formas de organização social.

Em seguida refletiremos o contexto dos anos 1960, década de muitas mudanças, incluindo na moda, com o crescente do consumo no pós guerra e a emergência da juventude como categoria social. O comportamento jovem se oporá à sociedade vigente e culminará na explosão de diversos movimentos juvenis que muitos denominaram de contra-cultura, e, nesse contexto, o feminismo emergirá com novas características, ampliando a luta pela igualdade das mulheres também ao direito de decidir sobre o próprio corpo, se opondo ao padrão de beleza estabelecido na época e ao direito de escolher sobre a maternidade.

Compreender o contexto histórico e como as mulheres eram retratadas, possibilitará a abordagem do terceiro tópico, que estudará a relação seio, sutiã e opressão, a fim de entender as causas que levaram à manifestação da “Queima de Sutiãs” a se tornar um acontecimento simbólico da luta feminista, embora não tenha ocorrido essa queima.

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental, em busca de suportes que contenham informação registrada, para formar uma unidade que servisse para análise. Em razão da escassez de material bibliográfico e documental sobre esse tema, utilizou-se principalmente as ferramentas da internet para identificar autores e reportagens que tratassem desse assunto. Esse procedimento permitiu encontrar revistas online, sites e blogs feministas que apresentavam maior segurança de informações sobre essa manifestação.

A ROUPA COMO EXPRESSÃO DA SUBORDINAÇÃO E DA RESISTÊNCIA DAS MULHERES

As diferenças sexuais sempre foram ressaltadas ao longo dos séculos pelas culturas ocidentais, que associaram a figura feminina ao pecado e à corrupção do homem, como pode ser visto na tradição judaico-cristã. Segundo Bassanezi e Del Priore (1997, p.45),

A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava de Eva, tinha de ser permanentemente controlada. (idem, *ibidem*, p. 45)

Essa referência bíblica exprime uma organização social que concentrava o poder em mãos masculinas, conhecido como sistema patriarcal. Este sistema se baseia no modelo de família que atribui ao chefe - ou patriarca - a autoridade sobre a mulher, os/as filhos/as e os/as servos/as e todos os bens que a família possuía como explica Arruda e Heilborn (1997).

Embora assumindo diferentes formas, em tempos e lugares distintos, o sistema patriarcal tem uma característica universal: a dominação masculina e a subordinação feminina. Isto não quer dizer que as mulheres sejam sempre e em todas as culturas igualmente oprimidas; tampouco significa que não tenham poder em determinadas áreas; mas simplesmente aponta para uma tendência geral de dominação masculina, que atravessa os séculos, em várias sociedades. A figura feminina é associada também à ideia de fragilidade, o que a deixa em situação de dependência da figura masculina. A dependência e a subordinação das mulheres em relação aos homens, ao longo da história negou às mulheres o espaço público, o que fez Perrot (1992, p. 185) afirmar que “da História, muitas vezes a mulher é excluída”.

Esse modelo de mulher favorecia os moldes de uma cultura patriarcalista e machista, na qual a mulher devia ser vigiada e ficava na dependência do pai, do irmão ou do marido, segundo Bassanezi e Priore (1997, p. 46). A partir do século XVIII, com o advento da modernidade, a divisão de papéis ficou ainda mais delimitada, estabelecendo como ideal as mulheres no espaço privado, com atribuições de cuidar da casa e dos filhos, como diz Ximenes (2011, p.37), referindo-se a situação da mulher no século XIX:

O universo feminino, nesse momento histórico, exclui as mulheres de atividades que possam promovê-las social ou politicamente. O ideal feminino oitocentista redefiniu-a como algo entre anjos e crianças, totalmente dependentes da figura masculina. (idem, *ibidem*, p. 37).

Esse papel de domesticidade, atribuído socialmente às mulheres, impõe-se no imaginário social como ideal, contudo mulheres pobres sempre estiveram envolvidas em trabalhos externos para garantir sua sobrevivência e de suas famílias. Essa regra dirigia-se às mulheres abastadas, cuja educação era voltada para os afazeres domésticos, pois as mulheres

deveriam ter dotes e habilidades para contrair um bom casamento, como bordar, tocar piano, cantar, entre outros. “A domesticidade é algo que se instaura no modelo familiar burguês”, como afirma Ximenes (2011, p. 40).

Além disso, as mulheres não recebiam assistência nos assuntos relacionados aos homens e a política. Isso é ressaltado por Crane (2006, p.219) que também cita sobre a despreocupação dirigida às mulheres em relação aos direitos civis, no período da revolução francesa, conforme esclarece em sua obra:

Um vigoroso movimento feminista emergiu durante a Revolução, mas as expectativas das mulheres não prevaleceram. A Revolução fortaleceu o direito dos homens, mas excluiu as mulheres. [...] O código Civil de 1804, promulgado sob o regime de Napoleão, incorporou atitudes para com as mulheres que representavam o legado da Revolução Francesa. Ele privava as mulheres de praticamente todos os direitos civis. (idem, *ibidem*, p. 219)

Existiram muitos casos nos quais as mulheres procuraram adentrar em outros lugares sociais, saindo um pouco do ambiente doméstico. De acordo com Ximenes (2011 p. 37) durante a virada do século XVII para o século XVIII, há registros na França, por exemplo, de mulheres do povo que integravam o movimento revolucionário, e, após a revolução, tentaram inserir-se na assembleia, porém o comitê de segurança em 1793 instituiu um decreto que pôs fim a essa participação e o fechamento das associações femininas, pois iam contra a “ordem natural” a qual a mulher era destinada: a família.

Na era moderna, as imagens das mulheres foram construídas não só como devotas ao ambiente doméstico e ao casamento, mas também como uma “vitrine” do status social do homem, demonstrando por meio de vestimentas e acessórios a riqueza que ele possuía. Isso acontecia, pois, como visto anteriormente, a mulher era dependente da figura masculina. Com a instalação definitiva da moda na sociedade, esta se torna objeto de interesse de alguns autores na segunda metade do século XIX, a exemplo de Veblen (1988), que apontava a vestimenta das mulheres como uma simbologia da riqueza de seu marido e de sua família, e quanto mais extravagante fosse essa vestimenta tanto mais próspera e rica seria a usuária e sua família.

Essa mulher-vitrine era uma expressão da posição subalterna das mulheres, conforme destaca Crane (2006 p. 199) quando afirma “As roupas da moda, apoiadas por outras instituições sociais, ilustravam a doutrina das esferas separadas e favoreciam os papéis submissos e passivos que as mulheres deveriam desempenhar.”

Concordando com o fato de a roupa expressar papéis e status sociais, Crane (*ibidem*, p.199) afirma:

As roupas, em seu papel social de comunicação simbólica, tiveram fundamental importância no século XIX, como meio de transmitir informações tanto sobre o papel e a posição social daqueles que as vestiam quanto sobre sua natureza pessoal. (idem, ibidem, p.199).

A Revolução Industrial possibilitou que muitas mulheres fossem para as fábricas adentando o mundo do trabalho. No entanto, muitos problemas foram enfrentados por elas no ambiente industrial, segundo Cosgrove (2012, p.201).

Para as camadas superiores da sociedade, o mundo elegante do século XIX era glorioso. No entanto, para as mulheres que trabalhavam nos bastidores era um assunto totalmente diferente.[...] Depois do trabalho doméstico, a indústria têxtil era o maior empregador de mão de obra feminina. As condições de trabalho na fábrica e tecelagens eram extremamente áduas. (idem, ibidem, p. 201).

Algumas mulheres daquela época usavam as roupas como forma de contestação. Cosgrove (2012, p. 202) relata o que era falado sobre a escritora George Sand:

Sua vida desafiou as convenções. Sand defendia a igualdade sexual e vivia de acordo com as suas convicções. [...] Sand usou a moda para ressaltar suas ideias sobre a igualdade sexual. [...] ela fumava cigarros e usava trajes masculinos, andando pelas ruas de Paris com calças, sobretudo e botas com trava. (idem, ibidem, p. 202).

A capacidade comunicacional da roupa é confirmado por Crane (2011, p 45):

O vestuário é um meio poderoso de fazer declarações sociais subversivas, pois essas declarações não são necessariamente construídas ou recebidas em um nível consciente ou racional. As mudanças no significado de determinadas roupas e nas formas pelas quais elas comunicam significados são indicações de alterações substanciais no modo como os grupos e agrupamentos sociais veem suas relações uns com os outros. (idem, ibidem, p.45).

Com ideias que se baseavam no conforto, higiene e boa saúde, a americana Amelia Bloomer propunha um novo tipo de traje feminino, como cita Fogg (2013 p.266):

Como defensora da racionalidade no vestir, Amelia Bloomer havia tentado obter aceitação social para uma versão feminina da calça comprida no fim do século XIX, mas a peça só conquistou alguma tolerância na década de 1920, quando a couturière Coco Chanel (1883-1971) introduziu o “pijama de praia” em suas coleções. (idem, ibidem, p. 266).

O traje de Bloomer composto por uma túnica usada sobre calças largas se tornou, segundo Cosgrove (2012 p.201), “um odiado símbolo do feminismo, mas também conquistou defensores, como a revista britânica Queen” além de ser também, conforme Crane (2006, p. 228) a primeira e mais conhecida proposta de vestuário, pois subvertia a diferença entre homens e mulheres.

Essas intervenções na forma de vestir das mulheres, apropriando-se de vestes socialmente definidas como masculinas, foram importantes para uma representação da autonomia feminina e para os movimentos feministas que iriam surgir, pois, como cita Crane (2006, p 265) em sua obra:

Através de um processo de inversão simbólica, itens ligados à indumentária masculina ganharam novos significados – mais especificamente a independência feminina – que desafiaram as fronteiras de gênero. [...] Tanto no século XIX quanto no século XX, a expressão de símbolos não-verbais através do vestuário constituía um meio de desafiar uma ideologia repressora. As mulheres solteiras que trabalhavam fora, que formavam um excedente no século XIX, lançavam mão de uma forma de subversão simbólica. Peças de vestuário masculino incorporadas em estilos femininos adquiriram novos significados, representando a independência feminina. (idem, ibidem, p. 265).

No entanto, no início da segunda metade do século XX, as mulheres ainda sofriam consequências do preconceito e do status de inferioridade. Nas décadas de 1950 e 1960 ocorreram mudanças que resultaram em grande parte do pensamento e das práticas do movimento feminista que Pinto (2010, p.16) entende como “um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo”.

Diversas manifestações femininas aconteceram desde então, uma delas foi a conhecida “Queima de Sutiãs” de 1968, que constitui, segundo *Belnhak e Dias (2012, recurso eletrônico)*, um ato feminista que buscava, através da queima de símbolos da moda e do modelo de feminilidade vigentes, lutar contra a ditadura de beleza imposta às mulheres da época. Para entender melhor o que foi esse acontecimento, é importante analisar o contexto histórico em que ele se inseriu e como a moda e o padrão de beleza eram vistos.

MODA, ROUPA E PADRÃO DE BELEZA NOS ANOS 1960 - A INSURGÊNCIA DAS MULHERES

O contexto em que se iniciam os anos 1960 consistia em um clima de euforia que se instaurou nos anos pós-guerra nos EUA. Importantes mudanças de comportamento constituem um dos grandes marcos dessa década. Como cita Garcia (2014) sobre os anos 1960:

Os anos 60, acima de tudo, viveram uma explosão de juventude em todos os aspectos. Era a vez dos jovens, que influenciados pelas idéias de liberdade "On the Road" [título do livro do beatnik Jack Keurouac, de 1957] da chamada geração beat,

começavam a se opor à sociedade de consumo vigente. O movimento, que nos 50 vivia recluso em bares nos EUA, passou a caminhar pelas ruas nos anos 60 e influenciaria novas mudanças de comportamento jovem, como a contracultura e o pacifismo do final da década. (GARCIA, 2014, recurso eletrônico).

Soto e Zappa (2011, p. 25) também comentam em sua obra sobre as mudanças ocorridas na moda e na juventude da época:

Nunca as mudanças foram tão radicais e súbitas na moda, que mal se recuperava da crise do pós-guerra. A própria capital do estilo, Paris, viveu a rebeldia dos jovens que participavam dos movimentos que culminariam com os confrontos nas ruas, em maio de 68. (idem, ibidem, p. 25).

Nesse cenário, pode ser notado que a transformação na área da moda foi grande, pois constituía o fim da moda única, que decorria da Alta Costura, e dirigida quase exclusivamente a mulheres adultas e ricas, passando à uma moda com várias propostas, com a forma de se vestir cada vez mais ligada ao comportamento, o que acarretou mudanças nas estratégias das empresas da época.

A Alta-Costura estava em declínio e, segundo Garcia (2014), entre 1966 e 1967, o número de *maisons* inscritas na Câmara Sindical dos costureiros parisienses caiu de trinta e nove para dezessete. Diante dessa realidade, Saint Laurent se antecipou aos demais e inaugurou uma nova estrutura com as boutiques de *prêt-à-porter* de luxo, que se multiplicaram pelo mundo através das franquias. Com isso, a confecção de se tornava cada vez mais forte economicamente e disseminada para mais grupos sociais.

Uma segunda área onde também ocorreram transformações significativas foi a de cuidado com o corpo e beleza. A quantidade que se gastava, depois da Segunda Guerra Mundial, com cosméticos, maquiagem e tratamentos para o corpo aumentou de forma massificada, na busca de se atingir o padrão de beleza idealizado. Calanca (2008, p. 201) confirma isso ao fazer a seguinte menção:

Entre moda e antimoda, a cultura do corpo aparece como um dos símbolos mais representativos desde o começo do século XX e torna-se, depois da Segunda Guerra Mundial, um fenômeno de massa. De fato, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, ao lado da palavra-chave *charme*, refinamento, com aquilo que faz a diferença, a imagem de um corpo jovem, saudável e, sobretudo, belo torna-se um sonho de massa em virtude também do aumento das possibilidades econômicas de todos. (idem, ibidem, p. 201).

O padrão de beleza observado na época da década de 1960 mudou em relação ao da década anterior, segundo Soto e Zappa (2011, p. 163), agora era caracterizado pela modelo Twiggy que, de acordo com Chahine et al. (2000, p.164) operou uma revolução no mundo da beleza e da moda . Esse padrão consistia em uma mulher magra com pernas esguias, seios

pequenos. Blackman (2012, p. 223) descreve esse modelo: “Aos 16 anos, Twiggy, uma garota do norte de Londres, tornou-se o rosto da segunda metade dos anos 1960. Suas pernas esguias, o cabelo curto, os cílios postiços pintados e o rosto sardento popularizaram o visual baby-doll”.

Além disso, maquiagem pesada nos olhos em contraste com um rosto claro também era marcante na época, segundo Mendes (2009 p. 190), “A maquiagem preta pesada era um pré-requisito na moda da década de 1960; para criar contraste, lábios e pele eram mantidos claros.” Segundo o mesmo autor, no ano de 1966, foi introduzida por Mary Quant uma paleta de cores ousadas para batom e sombras para os olhos, ela introduziu, também, os cílios postiços em longas tiras, que podiam ser ajustáveis aos olhos do cliente. Inclusive, Mary Quant foi um grande destaque na indústria de cosméticos, segundo Chahine et al. (2000, p.166) revolucionando o aspecto das embalagens e renovando a linguagem publicitária e de cosméticos:

Mary Quant ressuscitou o uso da marca Caran d’Ache, inventou nomes divertidos como Come Clean Cleanser, acrescentou um Paint Box, caixa preta contendo lápis, pó, batom e pincel. Em 1970, iria ainda mais longe: sua nova linha de publicidade mundial articulou-se em torno de uma maquiagem para “fazer amor”. Era uma nova revolução social (idem., ibidem, p.166)

Tantos gastos massificados com a beleza fazem Naomi Wolf (1992) levantar questionamentos sobre as relações dessa intensa indústria da beleza com a suposta liberdade feminina alcançada. Visto que à medida que a mulher se libertava da domesticidade, ainda segundo a autora, acaba sendo aprisionada pelo ideal de beleza imposto.

A “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriam. (WOLF, 1992, p.15)

O contexto que se insere a moda, generalizando-se e expressando a rebeldia juvenil, além do padrão de beleza da época, motivado por um desenvolvimento da indústria de cosméticos, somado a ampliação e fortalecimento do papel da publicidade na divulgação dos produtos de moda, de cosméticos e do padrão de beleza, formaram uma situação que favoreceu o movimento feminista a protestar contra a ditadura da moda e da beleza imposta sobre as mulheres, movimento esse que estava ganhando força, juntamente com os movimentos juvenis.

Segundo Garcia (2014) toda a rebeldia dos anos 1960, contemplada nos vários movimentos juvenis que foram denominados de contra cultura culminaram em 1968, o ano da grande rebeldia juvenil. O movimento estudantil explodiu e tomou conta das ruas em diversas partes do mundo, contestando a sociedade, seus sistemas de ensino e a cultura em diversos aspectos, como a sexualidade, os costumes, a moral e a estética.

Nestes anos de grandes mudanças culturais, o feminismo ressurgiu com uma conformação particular levando estudiosas a o denominarem como a segunda onda do feminismo. Diferentemente da *primeira onda do feminismo*³, também conhecida como sufragismo (século XIX), que, segundo Alves e Pitanguy (1991, p. 44) buscava a igualdade de direitos ao voto, a segunda onda do feminismo investia suas energias nas mudanças culturais com foco na liberação das mulheres e na luta contra desigualdade social de gênero. Segundo Fraser (2005)

Ao exporem uma ampla gama de formas de dominação masculina, feministas sustentaram uma visão expandida da política que incluísse “o pessoal”. Mais tarde, no entanto, com o declínio das energias utópicas da Nova Esquerda, os insights anti-economicistas foram ressignificados e incorporados em um novo imaginário político que colocou questões culturais em primeiro plano. Efetivamente capturado por esse imaginário culturalista, o feminismo reinventou-se como política de reconhecimento. Nessa segunda fase, o feminismo se preocupou com a cultura e foi atraído para a órbita da política de identidade. (idem, ibidem, recurso eletrônico)

Para Soto e Zappa (2011, p. 163) o feminismo teve grande repercussão em 1968, ano em que a manifestação “Queima dos sutiãs” aconteceu, expondo o feminismo aos meios midiáticos:

Quando as feministas americanas, lideradas por Robin Morgan, entre outras, queimaram sutiãs em Nova York, no fim de setembro de 1968, e organizaram, no mesmo mês, o primeiro protesto contra o concurso de Miss América, abriram um caminho midiático para o feminismo, ao mesmo tempo em que escritoras como Betty Friedan, Sheila Rowbotham, Denise Riley, Judith Butler consolidavam a luta pelos direitos da mulher à independência, liberdade, instrução escolar e igualdade de condições no trabalho. (idem, ibidem. p. 163).

Por ir contra diversos costumes e padrões de beleza da época, o feminismo pode ser encarado também como uma forma de antimoda, que, como dito anteriormente, consiste em usar vestimentas, elementos e referências que se opõem aos valores, à estética e às concepções padrões, como afirma Calanca (2008, p. 191):

³ Segundo Koller e Narvaz (2006, s/p.) a *primeira onda do feminismo*, também conhecido como movimento sufragista, representa o surgimento do movimento feminista, que nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, educativos e políticos, incluindo direito ao voto, além da luta contra a discriminação das mulheres. Inscreve-se nesta primeira fase a denúncia da opressão à mulher imposta pelo patriarcado.

Tornando absoluta a distância em relação a tudo o que é conforme a regra estética e moral, o elemento central da antimoda consiste na referência e ideais, valores e concepções da existência radicalmente opostos aos padrões vigentes. É um fenômeno que assume formas e temas de diversas fontes culturais, como a indignação contra o utilitarismo, naturalismo salutar, protestos feministas, ceticismo conservador, a “des-identificação” das minorias e a afronta da contracultura. (idem, *ibidem*, p. 191)

No final da década de 1960 e no começo de 1970, como comenta Mendes e Hays (2009, p.195) as seguidoras do Movimento de Liberação Feminina tendiam a ser antimoda, porém, segundo o mesmo autor;

[...] textos a favor da libertação, como *The Feminine Mystique* (1963), de Betty Friedan, e, em 1970, *The Female Eunuch*, de Germaine Greer, e *Sexual Politics*, de Kate Millett, tiveram uma influência formadora sobre muitas jovens com consciência da moda e consciência social: o visual menininha foi abandonado por estilos mais “adultos”. O vestuário antiautoritário e de protesto assumiu a forma da roupa “hippie” estereotipada ou do adorado macacão de trabalho de algumas feministas. (idem, *ibidem*, p 195).

O padrão de beleza criado em cima da modelo Twiggy contava com aspectos que mais tarde seriam alguns dos símbolos “odiados” pelas representantes da manifestação Queima de Sutiãs, itens vistos anteriormente como a maquiagem pesada, cílios postiços entre outros artigos que estavam diretamente ligados a feminilidade e à moda da época, seriam, como comenta Belnhak e Dias (2012) denominados como instrumento de “tortura” na manifestação. Contra este padrão de beleza que era a imagem de uma feminilidade, produzida e instituída pela moda e pela mídia, que operava como engrenagem de dominação e controle das mulheres pela manipulação de seu corpo, foi sendo configurada uma resistência das mulheres, através do movimento, o que pode ser entendido a partir de Foucault (2008), que considera que onde há poder, há resistência, pois o poder é relacional. Entendendo as resistências como insubordinações, como ações que objetivam outras condutas, e no caso dos movimentos de mulheres esse autor vai considerar resistências como contraconduta, que são forças de oposição a formas de dominação e condução.

A “QUEIMA DE SUTIÃS” – FEMINISMO, CORPO E PADRÃO DE BELEZA NA CRIAÇÃO DE UM ACONTECIMENTO SÍMBOLO

Celi Pinto (2010) ressalta a importância dos anos 1960 para o mundo ocidental, especialmente os Estados Unidos e a Europa, mas sem dúvida também para os países do sul,

como o Brasil. Nos Estados Unidos, o feminismo reaparece influenciado pelos escritos de Betty Friedan no livro *A Mística Feminina*, publicado em 1963. Este feminismo emerge como movimento libertário reivindicando o direito ao trabalho e explicitando o contexto de dominação de homens sobre mulheres, buscando mudar a relação de poder entre os dois sexos, para que as mulheres conquistem liberdade e autonomia, a fim de decidir sobre suas próprias vidas.

Neste contexto de ebulições e mudanças ocorreu a manifestação denominada de Queima dos Sutiãs, e o que pretendia ser um protesto aos padrões de beleza impostos às mulheres tornou-se um acontecimento símbolo da luta feminista. Segundo *Soto e Zappa (2011, p.165)*, a manifestação “Queima de sutiãs” ocorreu em 7 de setembro de 1968, quando cerca de 400 mulheres, lideradas por Robin Morgan, entre outras, se reuniram em frente ao teatro onde era realizado o concurso Miss América, na cidade de Atlantic City (EUA), para protestar contra a ditadura de beleza imposta pela moda às mulheres da época. As ativistas aproveitaram a repercussão do concurso para, com a manifestação, chamar a atenção da mídia e da sociedade. O concurso era tido, pelas participantes do movimento feminista, como uma prática arbitrária e opressiva em relação às mulheres.

De acordo com *os autores*, as manifestantes levaram alguns símbolos da feminilidade, ou, como declaravam instrumentos de “tortura”: sapatos de salto alto, cílios postiços, maquiagens, espartilhos, cintas e sutiãs. Esses objetos foram reunidos e colocados em uma lata de lixo para serem queimados, mas a prefeitura não autorizou o uso de fogo. O episódio ficou conhecido como *Bra-burning* (ou *Queima de sutiãs*), tornando-se um acontecimento que integra a história do movimento feminista, marcando a chamada *segunda onda* do feminismo.

Em termos teóricos, um acontecimento, segundo Vicente (2009, p. 43):

[...] deriva do fato entendido como o episódio desencadeador de mudanças no *status quo* da sociedade. Para que passe a ter destaque, deve se encaixar dentro de um processo social no qual se atribui, ou não, relevância, uma vez que interfere nas relações sociais. O acontecimento existe em função do relato feito dele. (idem, ibidem, p.43)

Esse entendimento corrobora com a perspectiva de Nora (1979, p. 184) para quem “O acontecimento tornou-se intimamente ligado às formas como é expressado, à significação intelectual que lhe é dada e esvaziou-se do caráter emocional. “A realidade propõe, o imaginário dispõe””. Assim, no relato dos fatos, história e comunicação convergem na produção de um acontecimento que se configura como a produção de sentido dos fatos.

A manifestação de protesto das feministas, na qual deveriam queimar os sutiãs para demonstrar a recusa de um padrão de beleza que expressava a forma submissa de ser mulher que recusavam ser, tornou-se um *acontecimento histórico*, que simboliza o feminismo dos anos 1960, com sua perspectiva libertária, que propôs a politização da vida privada e deu visibilidade ao corpo, conforme Scavone (2010), fazendo emergir como uma das suas palavras de ordens “nosso corpo nos pertence”. Nessa manifestação, vários símbolos da beleza opressora, contestada pelas feministas, foram levados, mas o sutiã foi o que se destacou. Considerando símbolo no sentido atribuído por Pierce (2000), como tudo que se refere a algum objeto por uma convenção, o sutiã catalisou o significado do protesto e da luta emancipatória que reivindicava autonomia sobre o próprio corpo.

Para entender a distinção dos sutiãs como o símbolo em destaque da luta feminista naquele período, é necessário fazer uma breve reflexão de seu surgimento e evolução, buscando entender a sua relação com o corpo feminino e os papéis das mulheres em contextos sociais específicos, para então discutir a sua emergência como instrumento de libertação nos anos 1960 e 1970, tornando-se acontecimento símbolo da luta feminista.

O sutiã está diretamente ligado a duas atribuições sociais historicamente estabelecidas para as mulheres, a maternidade e a sedução, ambas relacionadas aos seios. Para Sandre-Pereira (2003) a dupla representação dos seios como materno e sedutor se insere na tradicional oposição antropológica entre natureza e cultura. Em termos da natureza, o ser humano é classificado como um animal mamífero e, portanto, as mamas das 'fêmeas' humanas têm uma função específica, ligada à alimentação. No âmbito da cultura, o seio feminino pode perder a preeminência biológica de sua função e tornar-se a base de diferentes representações, como, principalmente, o erotismo.

Desde a era primitiva o seio foi inscrito predominantemente em uma percepção funcional alimentar e reprodutiva. Bergamo (2007, p.3) confirma isso mencionando em seu texto as figuras femininas denominadas “Vênus” que tinham órgãos sexuais avantajados e expostos, caracterizando a capacidade de fecundidade:

As figuras femininas, também chamadas de “Vênus” pelos arqueólogos foram encontradas em lugares sagrados e em sepulturas. Eram esculpidas em osso, marfim, pedras ou barro. A arqueologia encontrou estatuetas de cerâmicas com formas femininas, onde ficam explícitos os órgãos sexuais avantajados ou expostos, indicando a capacidade fecundadora da mulher, uma clara ligação com a natureza, ambas geradoras de vida, como a Vênus de Willendorf, feita de calcário com 11 cm, encontrada na Áustria próximo ao Danúbio. (Idem, ibidem, p. 3)

Já na Antiguidade, Vargas (2013, p. 30) menciona que esculturas gregas possuíam seios avantajados, como a “Deusa com serpentes” sendo também uma prova da exaltação dos seios como órgão ligado a maternidade.

A erotização do corpo feminino, segundo Sandre-Pereira (2003) se deu apenas no final da Idade Média, quando a nudez feminina e a visão do nu passaram a ser identificadas com o desejo sexual. O seio, no entanto, ainda segundo a autora, permanece discreto até o surgimento do 'amor romântico', no século XVIII.

Essas atribuições de maternidade e sensualidade contribuem para a estereotipação de mulheres, que tem seus reflexos até a atualidade, embora com menos ênfase que antigamente. Segundo o texto de Diniz (2011) que consiste em uma entrevista com Rebecca Cook⁴ sobre sua obra intitulada *Gender Stereotyping: Transnational Legal Perspectives*⁵, a estereotipação se refere a uma visão generalizada ou a um pré-conceito sobre as capacidades ou os papéis dos membros de um grupo, o que torna desnecessária a consideração das capacidades de um membro em particular. Rebecca Cook fala na entrevista que os estereótipos de papéis sexuais são a generalização sobre os papéis de comportamento apropriado para mulheres e homens, um caso comum, ainda segundo ela, é o de que as mulheres devem ser mães, donas de casa e cuidadoras, e de que os homens devem ser provedores de alimento. Para Rebecca, os estereótipos de gênero, em particular os estereótipos sobre as mulheres, restringem direitos e violam a igualdade entre os sexos.

Era esse tipo de estereotipação da mulher que as ativistas da segunda onda do feminismo procuravam combater, lutando por igualdade social entre os sexos. O sutiã está intimamente ligado a manifestação “Queima de sutiãs” pois era atribuído a ele o significado de desconforto e opressão, mas para entender como ele adquiriu esse significado é importante abordar o seu surgimento, pois ele inicialmente era tido como uma libertação das amarras do espartilho.

O espartilho surgiu no final da idade média entre as mulheres da aristocracia e tornou-se uma peça de vestir presente na moda feminina até o início do século XX. O espartilho era,

⁴ De acordo com Diniz (2011) Rebecca Cook é uma jurista internacionalmente conhecida por suas ideias e ações no campo da saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos. Ela é conhecida das feministas latino-americanas pelo diálogo permanente com várias gerações de juristas e ativistas de movimentos sociais. É também uma das diretoras do Programa Internacional sobre Leis em Saúde Sexual e Reprodutiva na Universidade de Toronto, Canadá.

⁵ *Estereótipos de gênero: perspectivas legais transnacionais* (COOK e CUSACK, 2010). A obra *Reproductive Health and Human Rights: Integrating Medicine, Ethics and Law* (Oxford, 2003), em parceria com Bernard Dickens e Mahmoud Fathalla, foi traduzida para a língua portuguesa.

segundo Vargas (2013, p. 14), uma peça indispensável das mulheres do século XIX, mas que comprimia muito a cintura e deixava marcas irreversíveis no corpo. Se tratava, de uma forma geral, de uma peça constituída por um tecido resistente, provida de barbatanas de baleia ou lâminas de aço, para não enrugar, e com passantes de cima a baixo, amarrados por um cadarço, para apertar o abdômen.

Os malefícios à saúde da mulher causados pelo uso do espartilho eram inúmeros, entre eles havia a deformação da estrutura óssea do abdômen, desmaios por falta de ar, perfuração de órgãos por costelas, abortos, entre outros.

Devido a essa série de malefícios o discurso sobre as transformações do espartilho influenciou costureiros inovadores a alterar sua estrutura, apoiados pela medicina e pela mudança no cotidiano das sociedades da época com muitas mulheres que começaram a trabalhar, além do estímulo do movimento feminista (sufragista) que condenava o seu uso. Segundo Vargas (1998, p. 45) essas pequenas atuações contra o uso do espartilho possibilitaram a constatação de uma distensão na estrutura do vestuário e, em 1913, foi criado o sutiã, peça que se tornou ícone feminino de século XX. Nesse momento, o sutiã surgiu como uma forma de libertação das amarras do corpo causadas pelo espartilho, que dificultavam movimentos e prendiam de forma desconfortante.

Segundo a pesquisa de Vargas (ibidem, p.45), para comparecer a uma festa da alta sociedade, na década de 1910, Mary Phelps Jacobs improvisou dois lenços e uma fita para usar no lugar do espartilho, dando leveza e conforto ao seu traje, que consistia em um vestido fino. Sua peça ganhou notoriedade e Mary Phelps percebeu que poderia ser um negócio viável, mas, segundo Pinto (2008), apesar de patentear a invenção, não obteve sucesso nas tentativas de venda para empresas têxteis. No ano seguinte, ainda de acordo com Pinto (2008) Mary Jacob vendeu sua criação para a Warner Bros por pouco mais de 1500 dólares. A empresa faturou posteriormente mais de 15 milhões com o produto adquirido.

Ainda segundo o autor, a partir desse ocorrido, o sutiã começou gradativamente a ser popularizado em decorrência da necessidade de um maior conforto e praticidade para as mulheres em seus trabalhos onde, devido a Primeira Guerra Mundial, tiveram que ser inseridas, além da decorrência de avanços tecnológicos na produção dos tecidos.

Segundo Pinto (2008), na década de 1920, Coco Chanel influenciaria a produção de sutiãs que achatavam os bustos das mulheres. Vargas (2013, p. 47) conta que Coco Chanel negou as silhuetas opulentas e os vestidos merengues, sugerindo os vestidos pretos simples, em linha reta. Essa peça se adequou à silhueta andrógina e ao estilo conhecido, ainda segundo

Vargas (ibidem, p 47), como *La garçonne*, que minimizava as curvas naturais através do uso de um sutiã cai-cai, que apertava os seios.

Segundo Garcia (2014) o estilo “garçonne” saiu de moda no início dos anos 1930 e deu lugar a valorização da silhueta feminina novamente. A autora comenta sobre o surgimento de sutiãs que aumentam os seios “Em 1935, para aumentar os seios, surgiram os bojos com enchimento, e, em 1938, apareceram os sutiãs de armação, que deixavam os seios mais protuberantes.”

De acordo com Pinto (2008) após a Segunda Guerra Mundial e com o desenvolvimento do náilon o sutiã ganharia elasticidade e resistência a partir da década de 1950. Esse novo material possibilitou ainda a criação de peças que buscavam realçar a beleza do busto das mulheres.

Para Vargas (2013, p. 9) observando a história do século XX, percebe-se como o sutiã é um elemento do imaginário das mulheres que associa não apenas à sedução, mas também desde a infância liga as meninas à maternidade e à formação ao “destino do casamento”. Andrade (2008, p.13) comenta que Naomi Wolf (1992) questiona a liberdade feminina alcançada: uma vez que a mulher acaba sendo aprisionada pelo ideal de beleza imposto. Ainda segundo Andrade, na contemporaneidade, as exigências com a aparência impostas por discursos que tem como pano de fundo o mito da beleza não recaem apenas sobre as mulheres, mas, por questões culturais, ela é ainda mais cobrada a ter atributos físicos impecáveis, conforme as exigências do momento.

O sutiã então, por estar intimamente ligado com os seios, um dos principais órgãos de diferenciação de gênero, e por ser um item também ligado à feminilidade e beleza exigidos na época, tornou-se o principal ícone na manifestação, que tinha caráter de protesto a favor da igualdade e contra a sociedade dominada por homens.

Por ter sido realizado durante um evento transmitido a nível nacional nos EUA, a manifestação foi retratada pela mídia e alcançou, depois, níveis mundiais, tornando-se, posteriormente um marco da luta feminista segundo Sotto e Zappa (2011, p.163). Isso fez com que a atitude daquelas mulheres de Atlantic City fosse um dos pontos responsáveis pela onda de manifestações que iriam irromper em diferentes cantos do mundo durante a década de 1970.

Ainda segundo Soto e Zappa (2011, p. 165) nesse período, “surgiram novos cenários onde se questionaram valores, saberes, poderes, buscaram igualdade e justiça social e se gritou por respeito às diferenças.” De acordo com esses autores, a contribuição do feminismo

é inegável, alertando contra qualquer manifestação de autoritarismo, sexismo, racismo e heterossexismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto que compunha a década de 1960 consistia em um clima de euforia dos anos pós-guerra, possibilitando mudanças culturais na visão da juventude da época. Em decorrência dessa mudança, os jovens se opuseram a sociedade de consumo vigente, com movimentos como a contracultura. A moda se insere nesse momento com a baixa da Altacostura e o surgimento do *prêt-à-porter*, além do grande consumo de cosméticos e produtos de beleza. O Padrão de Beleza se caracterizava por mulheres magras com pernas esguias, a maquiagem almejada como ideal era composta por olhos bem marcados e com cílios postiços em contraste com a pele clara, além disso, saltos altos, cintas e sutiãs eram fundamentais para o bom aspecto da mulher ideal. Era contra esse padrão de Beleza que as feministas do movimento “Queima de Sutiãs” lutavam.

Segundo as manifestantes, o concurso Miss América era tido por elas como uma prática arbitrária e opressiva em relação às mulheres. A manifestação ficou historicamente conhecida como “Queima dos Sutiãs” mesmo que não tenha ocorrido uma queima de fato. Isso se deve ao fato que o sutiã catalisou o significado do protesto, tornando-se um símbolo distintivo da luta feminista. O movimento procurava combater a estereotipação feminina, que estava ligada a sensualidade e a maternidade, ambos relacionados aos seios, tornando a mulher dependente do marido, presa aos afazeres domésticos e aos padrões de beleza impostos, o sutiã foi associado a essa prisão, ganhando caráter opressor, cuja “queima” simbolizava a libertação das amarras desse conceito patriarcalista de submissão, defendendo a emancipação das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ARRUDA, Angela; HEILBORN, Maria Luiza. Legado feminista e ONGs de mulheres: notas preliminares" In: Cadernos Abong - **Gênero o olhar que transforma** . São Paulo, Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais no.22 - outubro - 1997. (11-15)

BAMBERGER, Joan; CHODOROW, Nancy; DENICH, Bette S.; ORTNER, Sherry B.; STACK, Carol B.; WOLF, Margery. **A mulher, a cultura e a sociedade**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BASSANEZI, Carla; PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BENSTOCK, Shari; FERRISS, Suzanne. **Por dentro da Moda**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

BLACKMAN, Cally. **100 anos de moda**. São Paulo: Publicafolha, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CALANCA, Daniela. **História social da Moda**. 2ª Ed. São Paulo: SENAC, 2008.

CHAHINE, Natalie; JAZDZEWSKI, Catherine; LANNELONGUE, Marie-Pierre; MOHRT, Françoise; ROUSSO, Fabienne; VORMESE, Francine. **A Beleza do Século**. São Paulo: Cosa & Naify, 2000.

COSGRAVE, Bronwyn. **História da indumentária e da moda: Da antiguidade aos dias atuais**. Barcelona: GG moda, 2012.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas**. 1ª Ed. São Paulo: SENAC, 2006.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FONTENEL, Béatrice. **Sutiãs e Espartilhos: uma história de sedução**. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2008

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1971.

KOLLER, Silva; NARVAZ, Martha. **Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando pesquisa, clínica e política**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino**. 1ª Ed. São Paulo: SCHWARCZ, 2000.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. **A Moda do Século XX**. 2ª Ed. São Paulo: WMF martinsfontes, 2009.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da Diferença**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINTO, Celi. **Feminismo, história e poder.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010

RIELLO, Giorgio. **História da moda:** Da idade média aos nossos dias. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2013.

SCAVONE, Luccila. **Nosso corpo nos pertence?:** Discursos feministas do corpo. Niterói, v. 10, n. 2, p. 47-62, 1. sem. 2010.

VARGAS, J. C. **Uma questão de peito:** Feminismo, lutas e uma biografia do sutiã. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Humanas) – Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2013.

VEBLEN, Torsten. **A Teoria da Classe Ociosa.** Coleção Os economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

VICENTE, Maximiliano M. O acontecimento histórico e o acontecimento comunicacional. IN: VICENTE, Maximiliano. M. **História e comunicação na ordem internacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 214 p. ISBN 978-85-98605-96-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX .** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2011.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza:** Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968 Eles só queriam mudar o mundo.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.